

MAFALDA E ARISTÓTELES: ALGUMAS APROXIMAÇÕES NO CAMPO EDUCACIONAL BRASILEIRO

Terezinha Oliveira¹

Crislene de Sousa Lucas²

Osmar Nascimento de Oliveira³

RESUMO

A elaboração deste estudo visa conhecer e analisar a formação moral e ética segundo a ótica de Aristóteles. O seu desenvolvimento parte das histórias em quadrinho de Mafalda contada por meio das tiras do escritor argentino Quino. Essas histórias servirão de base para a análise das características de cada uma das suas personagens, em especial Mafalda e Susanita que, posteriormente, são relacionadas ao ideal de homem e cidadão determinado nas políticas públicas educacionais brasileiras (CF/88, LDB/96, ECA, RCNEI). Pretende-se com esse estudo verificar a pertinência das virtudes aristotélicas à formação do jovem brasileiro na contemporaneidade, assim como refletir sobre a necessidade da adoção de materiais de leitura mais elaborados na educação infantil de forma a imprimir uma melhor qualidade na formação dos alunos da educação infantil nacional.

Palavras-chave: Ética. Moral. Educação. Mafalda.

INTRODUÇÃO

A Lei 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação postula que a educação, direito público subjetivo, é dever da família e do Estado, e baseia-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, sendo seu objetivo maior o desenvolvimento do educando para o exercício da cidadania e sua preparação para o trabalho. Ainda segundo essa Lei, a educação compreende e abrange os processos formativos desenvolvidos no seio da família, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, assim como em movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

1 Professora Doutora da Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: teleoliv@gmail.com

2 Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: crislenelucas@hotmail.com

3 Mestrando na área de História e Historiografia da Educação pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: osmarnascimento@hotmail.com

Essa concepção de educação expressa na Lei 9394/96, também encontra-se estabelecida na Constituição Federal de 1988: "Art. 205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho"(BRASIL, 1988, p. 38).

Quando pensamos sobre a educação, acreditamos numa visão que vai além da educação escolar e, nesse sentido, corroboramos com a concepção adotada pela legislação brasileira, ao entender a educação como um processo amplo de formação desenvolvido não apenas na escola, mas nos diversos espaços nos quais o educando se encontra.

Outra Lei que atribui grande importância à educação para a formação de cidadãos é o Estatuto da Criança e do Adolescente Lei 8069/90 que postula em seu artigo 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990, p. 1, grifo nosso).

Segundo a Lei 8069/90, considera-se criança o sujeito com até doze anos de idade incompletos, e adolescente, a pessoa entre doze e dezoito anos de idade. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI, documento do Governo Federal que trata da educação infantil, a concepção de criança é:

[...] uma noção historicamente construída e consequentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época. Assim é possível que, por exemplo, em uma mesma cidade existam diferentes maneiras de se considerar as crianças pequenas dependendo da classe social a qual pertencem, do grupo étnico do qual fazem parte. Boa parte das crianças pequenas brasileiras enfrentam um cotidiano bastante adverso que as conduz desde

muito cedo a precárias condições de vida e ao trabalho infantil, ao abuso e exploração por parte de adultos. Outras crianças são protegidas de todas as maneiras, recebendo de suas famílias e da sociedade em geral todos os cuidados necessários ao seu desenvolvimento. Essa dualidade revela a contradição e conflito de uma sociedade que não resolveu ainda as grandes desigualdades sociais presentes no cotidiano. A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais (BRASIL, 1998, p. 20).

Apesar de longa, a citação acima expressa claramente qual é a concepção de infância adotada pelas políticas públicas em nosso país, considerando as crianças como sujeitos históricos singulares em processo de formação, inseridos em um ambiente social que contribuirá para seu desenvolvimento.

Sendo uma construção humana, tal concepção de infância, em outras épocas, foi diferente. Neil Postman, crítico social da atualidade, em sua obra *O desaparecimento da infância*, explora o tema da infância, procurando explicitar: de onde veio a infância, por que floresceu durante 350 anos e porque, atualmente, está desaparecendo.

A obra é dividida em duas partes. A primeira versa sobre o aparecimento da infância como uma construção social surgida a partir do aparecimento da imprensa de Gutenberg, que proporcionou as condições de comunicação que a tornaram inevitável. A segunda apresenta como a passagem do mundo de Gutenberg para o de Samuel Morse, inventor do telégrafo, culminou no desaparecimento da infância, decorrente de como os meios de comunicação afetam os processos de socialização a partir da ideia de que a prensa tipográfica criou a infância e que a mídia eletrônica a fez desaparecer.

O autor faz um levantamento histórico no qual demonstra que, até então, não existia a ideia de infância como a conhecemos hoje.

Relembra a prática comum do infanticídio dos Gregos e que esse povo inventou a ideia de escolarização. Os Romanos a tomaram emprestada e adicionaram a ela a noção de vergonha, que foram os primeiros passos na evolução do conceito de infância. Entretanto, com a entrada na Idade Média, as invasões bárbaras e a ruína do Império Romano, este conceito recém formado acaba desaparecendo, junto com a capacidade de ler e de escrever, seguidas da educação e do sentimento de vergonha. Na Idade Média, de acordo com Postman, todas as importantes interações sociais aconteciam oralmente, face a face, e assim agregaram o mundo das crianças e dos adultos em apenas um. A criança na Idade Média vivia na mesma esfera social dos adultos, pois tinha acesso a quase todos os comportamentos comuns à cultura. Não havia, em separado, o mundo da infância. Na era medieval, a infância não existia. Salientamos que o conceito de infância não era uma preocupação dos homens medievais. Postman propala:

Mas, quaisquer que sejam as razões, não pode haver dúvida de que a alfabetização social desapareceu por quase mil anos; e nada pode transmitir melhor o sentido do que isso significa do que a imagem de um leitor medieval abordando tortuosamente um texto. Com raras exceções, os leitores medievais, independentemente da idade, não liam ou não podiam ler como nós o fazemos. [...] O leitor medieval típico procedia mais ou menos como um dos nossos alunos recalcitrantes de primeiras letras: palavra por palavra, murmurando para si mesmos, pronunciando em voz alta, dedo apontado em cada palavra, mal esperando que qualquer delas fizesse algum sentido. E aqui me refiro àqueles que eram letrados. A maioria da população não sabia ler (POSTMAN, 1999, p. 26-27).

Foi apenas com o surgimento da impressão de livros e da alfabetização que se criou uma definição de idade adulta, fundamentada na capacidade de ler, e de infância, baseada na inaptidão de leitura. Com o surgimento desse novo mundo simbólico, o da leitura, as crianças foram excluídas do mundo dos adultos, sendo necessária a concepção de um novo mundo para elas habitarem, e este novo mundo veio a ser chamado de infância. Após o surgimento

da prensa, os jovens tiveram que se tornar adultos e, para isso, precisavam aprender a ler, o que carecia de educação. Foi dessa forma que a infância tornou-se uma necessidade. E as crianças, aos poucos, tornaram-se objeto de respeito, atenção, proteção e separação do mundo adulto. Estes acontecimentos são sinais do surgimento de uma classe de pessoas que falavam, vestiam-se, aprendiam e pensavam diferente dos adultos. Quando este conceito de infância foi criado, a sociedade criou segredos a serem ocultados dos jovens (sexo, dinheiro, violência, doença, morte, relações sociais) e, ao longo dos anos, a infância tornou-se um fato social.

Para apoiar sua teoria, o autor nomeia grandes pensadores como Locke e Rousseau, que também discutiram no seu tempo a respeito da infância. Locke difundiu a ideia de infância a partir da teoria de que a criança é uma tabula rasa, como uma folha em branco, que vai ser preenchida ao longo de sua educação. Já Rousseau tem uma visão mais naturalista de infância ao dizer que seu crescimento é orgânico e natural, não necessitando, portanto, de educação. A metáfora de Locke da mente como folha em branco descreve uma analogia entre a infância e o material impresso. Apesar de estes autores terem diferentes concepções de infância, ambos tinham uma preocupação com o futuro: Locke queria que a educação resultasse em um livro, e Rousseau, em uma flor saudável. Outros autores, tais como Freud e Dewey, vem corroborar a ideia de Postman sobre a infância.

Na segunda parte, perpassada por cinco capítulos, intitulada *O desaparecimento da infância* o autor versa sobre como a mídia eletrônica, em especial a TV, faz desmoronar a hierarquia da informação e, conseqüentemente, as diferenças entre adultos e crianças.

De acordo com este autor, a ideia de infância está em extinção. Com a ajuda de outros meios eletrônicos não impressos, a TV recria as condições de comunicação que existiam nos séculos XIV e XV. A televisão é o perfeito meio de comunicação igualitário, ultrapassando a própria linguagem oral. Porque quando falamos, sempre podemos sussurrar para que as crianças não ouçam. Ou podemos usar palavras que elas não compreendam. Mas, a TV não pode sussurrar e as suas imagens são concretas e autoexplicativas. As crianças vêem tudo o que ela mostra.

Assim, se todos soubessem o que os advogados sabem,

não haveria advogados. Se os estudantes soubessem o que seus professores sabem, não haveria necessidade alguma de diferenciá-los. Se os alunos de quinta série soubessem o que os seus colegas da oitava série sabem, não haveria necessidade de se organizarem em séries. Portanto, se as crianças tiverem acesso aos conhecimentos que só os adultos possuem, então não haveria a infância.

Na Idade Média não o conceito de infância porque não havia para os adultos meios de contar com informação exclusiva. Na era de Gutenberg surgiu esse meio. Na era da TV, se dissolveu.

Ao ter acesso ao fruto, antes escondido, da informação adulta, as crianças são expulsas do jardim da infância. Sem segredos, não pode haver algo como a infância. A TV escancara tudo: torna público o que antes era do domínio privado e elimina a exclusividade do conhecimento mundano. Ela é uma tecnologia com entrada franca. Mas qual será o preço dessa suposta sinceridade? Se as crianças desde cedo conhecerem mistérios e segredos, como faremos a distinção delas perante os adultos? Diante deste cenário, vale colocar que não só a curiosidade da criança perde terreno, como também a autoridade do adulto. Na era da mídia eletrônica não há mais o espanto da descoberta ou perguntas a serem feitas uma vez que a criança não precisa de esforços para conseguir respostas, pois está tudo na tela da TV. Nos tempos atuais, a TV abre as portas do armário mostrando as alegrias do consumismo. A televisão abre as janelas para o mundo ao mesmo tempo em que fecha as do jardim da infância.

Assim como a alfabetização fonética alterou as predisposições da mente em Atenas no século cinco a. C., assim como o desaparecimento da alfabetização social no século cinco d. C. ajudou a criar a mente medieval, assim como a tipografia aumentou a complexidade do pensamento – na verdade mudou o conteúdo da mente – no século dezesseis, assim também a televisão tornou para nós desnecessário distinguir a criança do adulto. Pois é de sua natureza homogeneizar as mentalidades. A ironia muitas vezes equivocada no comentário que diz que os programas de televisão se destinam à mentalidade de uma criança de doze anos consiste em que não pode haver nenhuma outra mentalidade para a qual eles podem ser destinados. A

televisão é um meio que se compõe de pouquíssima coisa além de *figuras e histórias* [...] (POSTMAN, 1999, p. 132).

A televisão tornou desnecessária a distinção entre adultos e crianças, pois sua natureza visa homogeneizar as mentalidades. Se olharmos de perto o conteúdo da TV, poderemos encontrar uma precisão não só da ascensão da criança adultizada, mas também a do adulto infantilizado.

Por meio do levantamento realizado a respeito da concepção de infância e de criança, percebemos como tal conceito foi construído historicamente, possibilitando, dessa forma, que não naturalizemos a noção expressa nas atuais políticas públicas, assim como, também, não idealizarmos uma concepção de criança que estará presente em nossas salas de aula. Corroboramos com a noção expressa no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, de que cada criança é um ser singular, historicamente construído.

A seguir apresentaremos nossa análise das obras *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles e *Toda Mafalda*, do cartunista argentino Quino, com a finalidade de analisar a possível contribuição dessas histórias em quadrinhos para a educação infantil, relacionando-as com as virtudes aristotélicas postuladas pelo pensador grego e com a obra *O desaparecimento da infância* de Neil Postman.

AS VIRTUDES POSTULADAS POR ARISTÓTELES

Em sua obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles imagina uma sociedade composta por homens virtuosos. Inicia esta obra apresentando o conceito de bem, afirmando que toda atividade humana tem o bem como objetivo. Ainda com relação ao bem ele afirma que tanto homens de cultura superior quanto os vulgos concordam que esse bem supremo é a felicidade e que o viver bem e o agir bem significam ser feliz.

Considerando a importância desse autor para a educação, pretendemos propiciar uma reflexão sobre sua obra e sobre as virtudes que são tratadas no livro a fim de que possam ser trabalhadas na educação infantil por meio de materiais voltados ao público infantil capaz de permitir uma formação que tenha como objetivo o bom convívio social.

Aristóteles especifica que existem duas espécies de virtudes, as morais e as intelectuais. As virtudes morais são adquiridas por meio do hábito, e, para se conquistar as intelectuais são necessários experiência e tempo. É necessário ressaltar a noção de meio-termo ou equilíbrio pensada pelo autor, pois os excessos e faltas são prejudiciais ao homem, o meio-termo é um aspecto importante para se adquirir as virtudes e ter uma vida equilibrada.

Dentre as virtudes morais, Aristóteles destaca a coragem, a temperança, a liberalidade, a magnificência, a calma e a justiça. Para as virtudes intelectuais o autor enfatiza o conhecimento científico, a sabedoria prática, a sabedoria filosófica, a inteligência e a amizade.

Quando trata da *coragem*, Aristóteles a define como um meio-termo em relação ao sentimento de medo e temeridade. Ela envolve sofrimento e é justamente louvada por isso, pois é mais difícil enfrentar o que é penoso do que aquilo que é agradável. A *temperança*, por sua vez, é a virtude da parte irracional da alma, ela é o meio-termo em relação aos prazeres. O homem com temperança almeja as coisas e aguarda o momento adequado, ao passo que o destemperado anseia por todas as coisas agradáveis e é levado pelo seu apetite, por isso ele sofre quando não consegue o que deseja.

A *liberalidade* é o meio-termo entre dar e obter riqueza. O homem liberal dá e gasta a quantia certa com os objetos certos, já o homem pródigo erra em relação a esse aspecto por não possuir esta virtude, pois a prodigalidade é o excesso em relação a dar e obter. A *magnificência* se relaciona com os gastos que envolvem grandes quantias. O homem magnífico sabe gastar grande quantia com bom gosto, gasta o que deve e como deve. Já o homem mesquinho é perdulário somente para exibir sua riqueza, ou torna-se avarento quando deveria gastar.

A *calma* é definida por Aristóteles como o meio-termo em relação à cólera. O homem que se encoleriza por motivos justos com coisas e pessoas certas são dignos de ser louvados, e os que agem com excesso ou falta são dignos de censura, pois em todas as ocasiões devemos adotar o meio-termo.

O homem veraz é sincero nas suas palavras, é verdadeiro e não gosta de exagero por isso é digno de louvor em relação ao jactancioso, que se arroga em coisas que lhe trazem glória quando não a tem, ele é falso, diz ter aquilo que não possui.

Finalmente, a *justiça* é a disposição de caráter que leva a pessoa a fazer e desejar aquilo que é justo. O homem justo é aquele que cumpre e respeita a lei. A injustiça leva a pessoa a desejar o que é injusto, quem age com injustiça é ganancioso.

Com a experiência e o tempo, o homem pode adquirir as virtudes intelectuais, tais como o conhecimento científico, a sabedoria prática e filosófica, a inteligência e a amizade. Segundo Aristóteles, o conhecimento científico é:

O conhecimento científico é um estado que nos torna capazes de demonstrar, e tem outras características que especificamos nos Analíticos; com efeito, um homem tem conhecimento científico quando tem uma convicção a qual chegou de determinada maneira, e conhece os pontos de partida, pois se estes últimos não lhe são melhores conhecidos do que a conclusão, ele terá conhecimento de modo puramente acidental (ARISTÓTELES, 2010, p. 127).

Aristóteles afirma, com relação à *sabedoria prática*, que o homem dotado dessa virtude é capaz de deliberar o que é o bem e o que é o mau para si, e saber o que é bom para si é ter conhecimento. A *sabedoria filosófica* é fruto do conhecimento científico combinado com a razão intuitiva. Para o autor, a *inteligência* está relacionada à capacidade de julgamento. Finalmente, a *amizade* é uma virtude considerada extremamente necessária à vida, por isso ela é nobre. O homem que ama seus amigos é digno de louvor. No entanto, existem diferentes formas de amizade, por prazer e por interesse. A amizade por interesse é frágil e se desfaz assim que uma das partes não é mais capaz de atender aos anseios, interesses e desejos da outra pessoa.

Há também a amizade entre pais e filhos, que está permeada por uma desigualdade entre as partes. Nela, uma das partes sempre irá dar mais do que receber, por isso se diz que os pais amam mais os filhos. Há ainda a amizade perpétua. Esta, por sua vez, existe entre os homens que são bons e semelhantes na virtude. Um deseja para o outro o que deseja para si próprio, e essa natureza de amizade é permanente, no entanto, é raríssima.

No que diz respeito às virtudes, Aristóteles considera que não basta apenas conhecer, mas é preciso possuí-las e usá-las para nos tornarmos bons. No entanto, destaca que é difícil receber, desde a infância, uma preparação para a virtude se não nos criarmos sob lei apropriada, e tais leis devem aplicar-se a todas as idades.

MAFALDA

Mafalda é a personagem principal da obra e foi criada em 1963 por Quino, cartunista argentino. Ela surgiu em função de um comercial de uma empresa de eletrodomésticos, que deveria ter como protagonista uma família de classe média e o nome de um dos personagens deveria fazer alusão a marca dos eletrodomésticos que começava com as iniciais M e A. Para atender a esse objetivo o autor batizou a filha do casal com o nome de Mafalda. No entanto, o cliente da agência não aprovou e o trabalho de Quino ficou arquivado.

Em 1964 Mafalda estreia quando Quino é convidado a colaborar com vinhetas satíricas em um seminário na Argentina, chamado Primera Plana. Posteriormente, Mafalda é publicada em vários jornais e em 1969 foi editado o primeiro livro, surgindo pela primeira vez no Brasil na década de 1970, nas páginas de uma revista de pediatria e pedagogia destinada aos pais. Em 1979 a editora europeia Bompiani reúne todas as tiras e cria o livro *Toda Mafalda* que foi lançado no Brasil em 1981, livro que será objeto de análise deste estudo, que reúne todas as tiras escritas por Quino.

A personagem Mafalda é uma menina que no início da história está com cinco anos e vai começar a frequentar o jardim de infância. Contestadora e inconformada com a maneira como o mundo é, questiona tudo o que a incomoda, tal como: o que ocorre no Vietnã, na China e no mundo, possui um vocabulário muito complexo para sua idade e odeia tomar sopa.

Susanita é uma menina que só pensa em constituir família, vive sonhando em se casar e ter filhos. Ela acredita que isso é ser feliz e pensa que não é necessário ir à escola, pois a vida é a melhor escola. Manolito, um menino capitalista que só pensa em obter lucro no armazém que seu pai possui e sonha em ter, no futuro, uma grande rede de supermercados; e Felipe, um menino tranquilo que gosta de contar piadas, brincar de cavaleiro solitário, ler gibis e não se preocupa com futuro.

A análise desta obra à luz das virtudes aristotélicas torna-se um importante instrumento para se conhecer a formação do homem, a maneira como estão postos tanto os vícios quanto as virtudes na sociedade. Quais são virtudes discutidas por Aristóteles que possuem ou não, especificamente, as personagens Mafalda e Susanita? Que relação é possível fazer entre as virtudes aristotélicas, as características das personagens de Mafalda e o ideal de homem traçado pelas políticas públicas nacionais? Ao verificar e discutir esses aspectos, relacionados com a visão de homem objetivado nas políticas públicas educacionais brasileiras, acreditamos ser possível refletir a respeito da necessidade de trabalhar nas escolas tais valores para que a sociedade possa incorporá-los, uma vez que estes têm se tornado cada vez mais raros na contemporaneidade.

CONHECENDO AS PERSONAGENS

Mafalda mora com os pais. Seu pai é um homem trabalhador cujo lazer é cultivar plantas. Para Mafalda sua mãe, dona de casa, é uma pessoa medíocre porque não possui diploma.

Essa visão de mediocridade pode ser percebida na figura 1, no momento em que ela quer confortar sua mãe por estar preocupada porque ela vai começar a estudar no jardim de infância. Posteriormente com cinco anos de idade, Mafalda tem muitas dúvidas de como será na escola, quer saber se vai ganhar um diploma quando terminar o jardim de infância, está preocupada se terá que ir embora após concluir esta fase, acredita que em um dia é possível aprender a escrever e se decepciona antes mesmo de ter ido à escola quando Filipe diz que leva meses para isso.



Figura 1: QUINO, 1993, p. 15

Mafalda é uma menina crítica, questiona as coisas que ocorrem a sua volta, não está satisfeita com a educação, acredita no futuro, tem esperança que o mundo pode melhorar. Ela questiona porque as pessoas são acomodadas. É uma menina que está sempre informada sobre o que ocorre no mundo e gosta de assistir jornais.

Um exemplo disso (figura 2) é quando ela está na sala de aula e fica insatisfeita, pois a professora está ensinando frases com palavras iniciadas pela letra M e ela acha aquilo sem importância. Sua expectativa era aprender sobre o mundo, sobre a política. Nesse contexto, Mafalda está com seis anos de idade, vai iniciar o primeiro ano, entusiasmada, pois vai aprender ler e a escrever. Em outra tirinha, Mafalda fica inicialmente feliz, quando a professora passa como tarefa para casa fazer risquinhos, no entanto, passa a se incomodar com esse método de ensino tradicional, pois ela acreditava que iria aprender, já no primeiro ano, notícias relacionadas ao mundo e ao invés de apenas conteúdos de alfabetização.



Figura 2: QUINO, 1993, p. 15

Retomando Aristóteles, ao analisar os quadrinhos acima, é possível perceber que a personagem Mafalda possui uma série de virtudes tanto intelectuais quanto morais. No que diz respeito às virtudes morais, aquelas que segundo Aristóteles são adquiridas por meio do hábito, a personagem apesar da pouca idade, possui muita coragem ao assumir posicionamentos firmes em assuntos polêmicos, como o governo, a guerra e a qualidade da educação. Mafalda possui ainda a temperança, a calma. Segundo Aristóteles, o homem que se encoleriza por motivos justos com coisas e pessoas certas é digno de ser louvado.

Outra característica marcante de Mafalda é o seu senso de justiça que, segundo a concepção aristotélica, é a disposição de caráter que leva a pessoa a fazer e desejar aquilo que é justo. O homem justo é aquele que cumpre e respeita a lei. A injustiça leva a pessoa a desejar o que é injusto, quem age com injustiça é ganancioso.

Mafalda também possui virtudes intelectuais como o conhecimento científico, a sabedoria prática e filosófica, a inteligência e a amizade. Para Aristóteles, o homem dotado da sabedoria prática é capaz de deliberar sobre o que é o bem e o que é o mau para si, e saber o que é bom para si é ter conhecimento. A *sabedoria filosófica* é fruto do conhecimento científico combinado com a razão intuitiva, e a personagem analisada apresenta ambas de forma inequívoca. Da mesma forma, encontram-se presentes na personalidade de Mafalda a inteligência e a amizade.

Diferente de Mafalda, Susanita é uma menina que vive sonhando. Seu único objetivo é casar e ter filhos, sofre só de pensar na possibilidade de não constituir família, não gosta de ir à escola, pois para ela a vida é a melhor escola. Ela acredita que é necessário apenas saber ler, escrever e fazer contas (figura 3), é uma menina fútil, fofoqueira, preconceituosa e egoísta, implica com Manolito, pois acha que ele é um exemplo de bestialidade.



Figura 3: QUINO, 1993, p. 122

Para Susanita ser mulher é saber lavar, passar e cozinhar, e quem não sabe fazer isso é menos mulher (figura 4).



Figura 4: QUIINO, 1993, p. 234

Em Susanita, gostaríamos de chamar a atenção para outras características, dentre as quais destacamos a imaturidade da personagem, sua alienação, seu descaso com os pobres, com a superpopulação mundial, assim como o preconceito, a vaidade, o egoísmo, entre outras características que deveriam ser evitadas, constituindo-se em ações inadequadas, justamente em função de tais características destoarem de uma atitude equilibrada, isto é, do meio termo defendido por Aristóteles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de duas personagens tão distintas entre si, considerando a concepção de homem que a escola deve formar e a atual qualidade da educação no país, acreditamos ser importante refletir sobre o processo educacional. Uma questão que se coloca, pensando na discussão elaborada neste estudo, é: em nossas escolas que tipo de pessoas estão sendo formadas Mafaldas ou Susanitas?

As atuais políticas públicas, ao indicar como objetivo da educação a formação do indivíduo para a cidadania, estabelece, ao menos em tese, que o tipo de pessoa que deve ser formada na escola é alguém como a Mafalda, uma pessoa crítica, consciente, preocupada com os conflitos sociais de sua época, alguém que questione processos ineficientes e demasiadamente burocráticos, um sujeito exigente e que luta pelos seus interesses.

Por outro lado, as condições materiais estabelecidas em nossa sociedade, o descaso pela educação pública, a má formação dos professores, a falta de investimento na educação, saúde, segurança, a falência das instituições sociais (família, igreja, comunidade,

escola), entre tantos outros problemas, que influenciam diretamente a qualidade da escola pública brasileira, expressam por meio dos baixos índices de eficiência educacional, que o sujeito que a escola tem formado é alguém parecido com a personagem Susanita.

Aos professores, cabe uma reflexão a respeito da própria prática docente, associada à questão posta no primeiro parágrafo dessas considerações finais. Que tipo de sujeito está sendo formado por meio de suas práticas docentes? O que precisa ser mudado para que se consiga formar cidadãos a exemplo de Mafalda?

Aos pais, principais responsáveis pela educação dos filhos, também colocamos a mesma questão e indagamos que ações estão tomando para fornecer bons homens à sociedade? O que desejam para o seu futuro de seus filhos? Como educar uma criança ao estilo de Mafalda?

Ao buscar soluções para tais questões, acreditamos que cada um estará contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, como imaginava Aristóteles, uma sociedade composta por homens virtuosos, ou seja, fortes, corajosos, temperantes, justos, cujas ações objetivam o bem, e cujos membros sejam realmente felizes.

Por meio deste estudo buscamos elaborar uma análise sobre a moral e a ética de Aristóteles, particularmente, considerando as quatro virtudes apontadas por ele na obra *Ética a Nicômaco*, aplicados às histórias de Mafalda com a finalidade de verificar as reflexões realizadas nos quadrinhos a respeito da formação individual, relacionando-as com o sujeito a ser formado pela escola de acordo com as políticas públicas direcionadas à educação.

Durante seu desenvolvimento foi possível conhecer e compreender um pouco mais a respeito do pensamento de Aristóteles, em especial seu discurso sobre as virtudes morais e intelectuais, assim como as formas de desenvolvê-las. Apesar de ser uma obra escrita a mais de dois mil anos, ainda possui grande relevância na atualidade e, a nosso ver, deveria ser mais e melhor estudada nas instituições educacionais.

Da mesma forma, este estudo possibilitou uma análise, à luz da ética de Aristóteles, das personagens da obra *Toda Mafalda*, e em especial, as personagens Mafalda e Susanita. Tal análise, considerando a concepção de criança e os objetivos da educação, postulados nas políticas públicas educacionais, serviu de base para a

proposição de questionamentos sobre os rumos da educação pública brasileira, em conjunto com a educação familiar.

Por fim, consideramos pertinente o estudo das obras supracitadas, em função da relevância e da estreita ligação com a educação, acreditando, inclusive, que esse tipo de material que procura desenvolver atitudes inteligentes e críticas nos leitores, deveria ser melhor explorado pela escola pública no nosso país.

MAFALDA AND ARISTOTLE: SOME APPROACHES IN THE BRASILIAN EDUCATION FIELD

ABSTRACT

The development of this study aims to understand and analyze the moral education and ethics from the viewpoint of Aristotle. The development of the stories told Mafalda comic strips by the Argentinean writer Quino. These stories form the basis for the analysis of the characteristics of each of its characters, especially Susanita and Mafalda, that later are related to the ideal of man and citizen certain educational policies in Brazil (CF/88, LDB/96, ECA, RCNEI). The aim with this study to verify the relevance of the Aristotelian virtues to the formation of Brazilian youth in contemporary as well as reflect on the need to adopt more sophisticated reading materials in early childhood education in order to print a higher quality in the training of undergraduate students national infant.

Keywords: Ethics. Moral. Education. Mafalda.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2010.

BRASIL. Constituição. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. Institui o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF, 1990.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

Mafalda... - Terezinha Oliveira, Crislene Lucas e Osmar de Oliveira

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1997, 144p.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1997, 126p.

_____. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998, vol. 3, 253p.

NEIVERTH, T.; GARTNER, G. M. Infância e Educação na Obra de Friedrich Froebel. In: OLIVEIRA, M. S. (Org.). *Fundamentos Filosóficos da Educação Infantil*. Maringá: EDUEM, 2005. p. 95-108.

POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Editora Graphia, 1999.

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Recebido em: dezembro de 2012

Aprovado em: abril de 2013